

**A BARREIRA DO VASCO: CONTRAESPÇO E LUTA PELO USO DO  
TERRITÓRIO NA METRÓPOLE FLUMINENSE**

THE BARREIRA DO VASCO: COUNTERSPACE AND STRUGGLE FOR THE USE OF  
TERRITORY IN THE METROPOLIS OF RIO DE JANEIRO

**Luis Henrique Leandro Ribeiro**

Professor no Departamento de Geografia e no Programa de  
Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Formação de  
Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ  
luis.ribeiro@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0002-9651-553X>

**Marcelo Augusto Campos Bernardo**

Geógrafo e Mestrando no Programa de Pós-graduação em  
Geografia da Faculdade de Formação de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ  
marcelogeo1998@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0003-2943-7505>

## Resumo

O artigo analisa e problematiza a constituição da Barreira do Vasco enquanto contraespaço na metrópole fluminense e o evento mais recente, no ano de 2023, de perseguição do Ministério Público sobre essa comunidade decorrente das punições na esfera desportiva do Club de Regatas Vasco da Gama, além dos dilemas das obras que se anunciam com a modernização do Estádio de São Januário e seu entorno aprovada em 2024. A favela situada no bairro Vasco da Gama está localizada no entorno do estádio de São Januário, dependendo dos jogos e atividades do clube de futebol para movimentar a vida, a cultura e a economia local. Compreendemos a Barreira do Vasco, São Januário e imediações como um contraespaço de existência e luta frente ao aburguesamento do espaço, ao neoliberalismo autoritário, à elitização e à seletividade espacial características da urbanização corporativa brasileira.

**Palavras chave:** usos do território; neoliberalismo; modernização; urbanização; favela

## Abstract

The article analyzes and problematizes the constitution of the Barreira do Vasco slum as a counterspace in the metropolis of Rio de Janeiro and the most recent event, in 2023, of persecution by the Public Prosecutor's Office against this community resulting from punishments in the sporting sphere of the Club de Regatas Vasco da Gama, in addition to the dilemmas of the works that are announced with the modernization of the São Januário Stadium and its surroundings approved in 2024. The slum located in the Vasco da Gama neighborhood is located around the São Januário stadium, depending on the soccer club's games and activities to stimulate life, culture and the local economy. We understand Barreira do Vasco, São Januário and the surrounding area as a counterspace of existence and struggle against the bourgeoisization of space, the authoritarian neoliberalism, the elitization and spatial selectivity characteristics of Brazilian corporate urbanization.

**Keywords:** territory in use; neoliberalism; modernization; urbanization; slum.

## 1. Introdução

O artigo tem como questão central problematizar a constituição histórica e atual *situação geográfica* (CATAIA; RIBEIRO, 2017), amálgama de heranças e possibilidades ancorado no futuro, da favela Barreira do Vasco enquanto espaço de existência e resistência. O mote desta investigação é a análise da perseguição, ocorrida no ano de 2023, do Ministério Público sobre o Club de Regatas Vasco da Gama e, sobretudo, da favela situada em seu entorno, e os dilemas envolvendo a modernização do Estádio de São Januária e obras urbanas em seu entorno. Eventos mais recentes que, tal como discutiremos e problematizaremos, insere-se e expressa uma histórica secular da formação de um contraespaço na urbanização corporativa e fragmentada (SANTOS, 1990) como é o caso da metrópole fluminense.

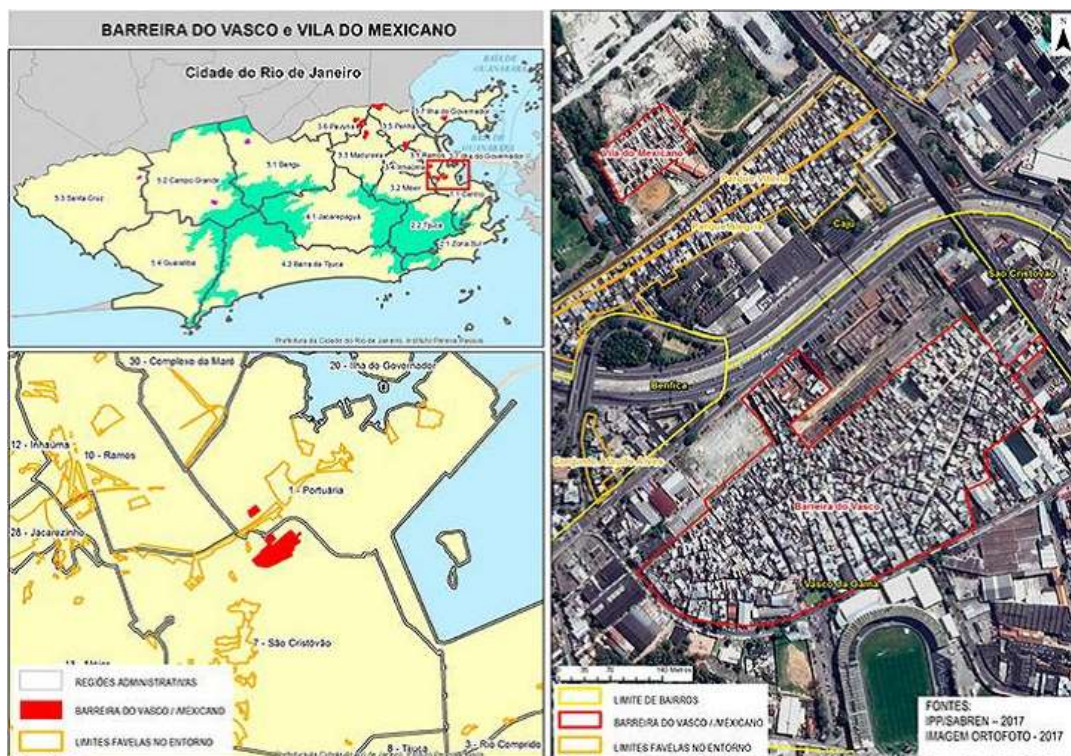
O marco teórico-conceitual se apoia, sobretudo, nos conceitos de *contraespaço* (MOREIRA, 2007; 2012) e *uso do território* (SANTOS, 1994) para compreender o lugar como totalidade, como contra-afirmação, contrarracionalidades e contra-finalidades à ordem espacial burguesa dominante. E, também, de analisar a elitização em curso no futebol brasileiro através de discursos e práticas de modernização e competitividade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2017) que, em nossa interpretação, são social e espacialmente seletivos,

favorecendo a desigualdade e a penetração de uma lógica de mercado lastreada materialmente pelas obras urbanas e novas arenas esportivas no país.

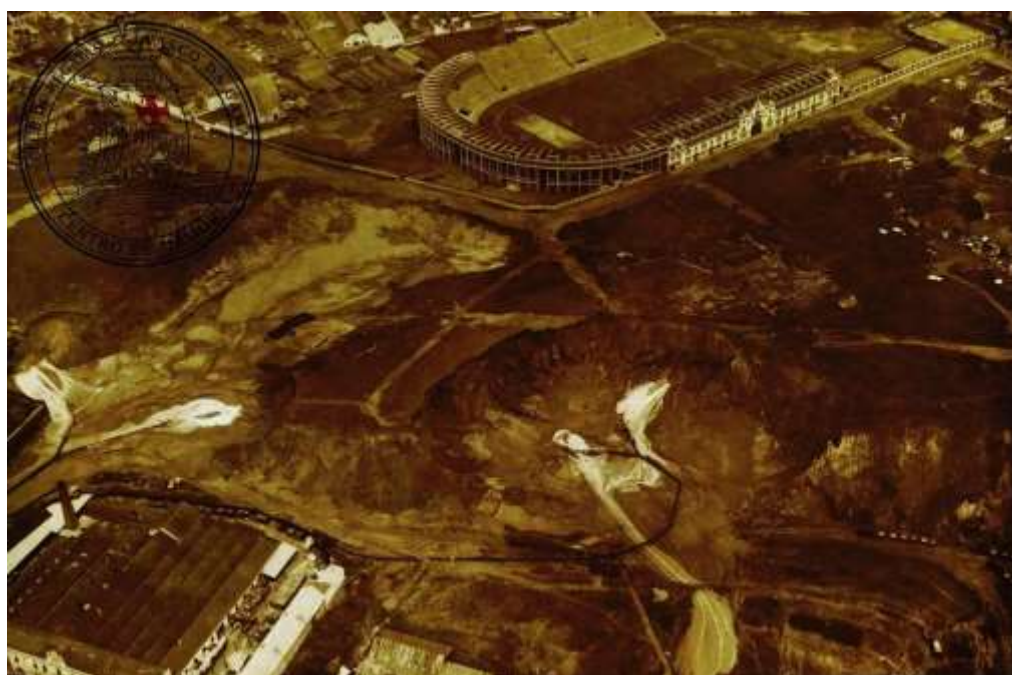
Compreendendo o lugar como situação geográfica em totalização, a ação e os sentidos da ação dos sujeitos na sua constituição enquanto usos estratégico do território e da cidade (ALBUQUERQUE & RIBEIRO, 2020; RIBEIRO & SILVA, 2022), a metodologia se baseou no levantamento, sistematização e análise de dados secundários em fontes bibliográficas (normas, livros, dissertação, artigos, notícias e sites) e primários através de trabalho de campo e entrevista com representante da Associação de Moradores da Barreira do Vasco (AMBV).

## **2. Formação e constituição de um contraespaço de multidão urbana: a Barreira do Vasco e o Estádio São Januário do Clube de Futebol Vasco da Gama**

A Barreira do Vasco é uma favela localizada no bairro Vasco da Gama, vizinha do Estádio de São Januário, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com população estimada em 7.949 habitantes, 2.699 domicílios e 2,95 habitantes por domicílio, segundo dados do Instituto Pereira Passos, com base no Censo Demográfico de 2010 do IBGE. O local foi desmembrado do bairro de São Cristóvão em 1998 (Decreto-Lei nº 2.672). Historicamente a comunidade surgiu na década de 1930, quando o presidente Getúlio Vargas doou terras à Igreja Católica para a construção de habitações populares. O terreno era pantanoso e foi aterrado e parte concretada. Os primeiros habitantes vieram do interior do estado do Rio de Janeiro e eram também compostos por famílias de pescadores locais (SCHMIDT, 2017).



**Figura 1.** Mapa com a localização da Barreira do Vasco e do Estádio São Januário no Rio de Janeiro (RJ) – 2019. Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2019)



**Figura 2.** Foto aérea da região do Estádio São Januário e da Barreira do Vasco ainda sem habitantes – Final da Década de 1920. Fonte: Foto do Centro de Memória do Vasco – Disponível em: <https://vasco.com.br/category/centro-de-memoria-30/>

Nas décadas seguintes, com o processo combinado de industrialização e urbanização, o local recebeu levas cada vez maiores de moradores, principalmente de

nordestinos e imigrantes portugueses. Uma formação social composta de classes populares e de trabalhadores das indústrias e fábricas que se instalaram nas adjacências (indústria têxtil e automobilística), nos canteiros de obras e construção civil (como a Avenida Brasil, construída na década de 1940), além do acesso próximo às vias de circulação na metrópole nascente e à proximidade do centro urbano.

A ocupação efetiva da área onde hoje é a Barreira do Vasco remonta, assim, à segunda metade da década de 1940, quando o Governo Getúlio Vargas, por intermédio da Fundação Leão XIII, construiu um conjunto de casas (vide Figura 3, a seguir) e as primeiras infraestruturas urbanas (como saneamento básico, arruamento e energia elétrica) visando estabelecer no local uma “vila operária”.



**Figura 3.** Imagem do início da ocupação da Barreira do Vasco – Década de 1940. **Fonte:** Foto do Centro de Memória do Vasco - <https://vasco.com.br/category/centro-de-memoria-30/>

O projeto era destinado a abrigar as famílias removidas ou expulsas das favelas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, ainda nas vagas de modernização e reformas urbanas liberais das primeiras décadas do século XX, os “bota abaixo”. Segundo a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2019), o primeiro registro oficial da ocupação data de 1951. Sendo que no decorrer da década de 1950, já na fase de urbanização concentrada e de metropolização urbana (SANTOS, 1993), há um crescimento populacional acelerado da área com a chegada de moradores migrantes de outras áreas da metrópole e regiões do país,

sobretudo do Nordeste. O que se deveu em boa medida à abertura da Avenida Brasil na época e à proximidade com a área central da metrópole.

Refletindo os usos do território na metrópole fluminense desde sua formação, concordamos com Corrêa (1989) quando afirma que dentre os agentes modeladores do espaço urbano os grupos sociais excluídos produzem seu próprio espaço a partir da produção da favela, ocupando áreas públicas ou privadas, como forma de resistência e existência. Estratégias de vida frente “às adversidades impostas aos grupos sociais recém expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade” (CORRÊA, 1989, p. 30).

O processo de urbanização propriamente dito do Rio de Janeiro, iniciado no último quartel do século XIX, se intensifica nas primeiras décadas do século XX com a industrialização e mecanização da produção, da circulação e do território. Momento em que as indústrias, através das redes de circulação (primeiro as linhas de bonde e ferrovias, mais tarde nos anos 1940, ruas e vias de rodagem de automóveis) passam a se instalar fora do núcleo urbano original da cidade, estendendo-se cada vez mais para os arrabaldes e subúrbios da cidade (e demais nucleamentos no entorno da cidade) passando a constituir o processo de periferização da cidade do Rio de Janeiro e da metrópole nascente (ABREU, 2013).

Nas décadas de 1930 e 1940, uma das primeiras áreas no Rio de Janeiro a consolidar esse processo foi o bairro de São Cristóvão e suas imediações, até então ocupado por parte da aristocracia e burguesia nascente que se deslocam e ocupam a atual Zona Sul da cidade, afastando-se da região que passa a receber com mais intensidade as indústrias e classes populares de trabalhadores e imigrantes.

Esse período é marcado, portanto, por um crescimento de núcleos urbanos atrelados ao desenvolvimento industrial na região, sobretudo do ramo têxtil, desde o final do século XIX, intensificado com a construção do estádio de São Januário em 1927. Destaca-se, portanto, São Januário como produto e produtor das dinâmicas sociais da época, constituindo centralidade urbana e tornando-se sede de diversas atividades e eventos. Nesse sentido, o futebol:

[...] possui um papel relevante na estruturação do espaço urbano, assim como nos costumes e tradições de uma significativa parcela da sociedade. Trata-se de um esporte criado na Inglaterra e que foi abraçado pelos brasileiros de forma tamanha, tornando-se o mais praticado no país após alguns anos. Esse desporto acompanhou as mudanças sociais, políticas, econômicas e espaciais ocorridas mundialmente. (PERNI, 2017, p. 15)

No início do século XX os esportes e, destacadamente, o futebol, tiveram um papel fundamental na urbanização e na produção do modo de vida urbano, na tecnosfera e na psicosfera constitutivas do espaço geográfico (SANTOS, 1999), sendo que o futebol foi central na entrada das classes populares e trabalhadoras nesse processo. No início do século XX o Vasco da Gama era o único time que conseguia arrastar multidões e lotar o estádio do Clube Fluminense, no bairro das Laranjeiras no Rio de Janeiro, maior da América Latina à época e principal palco dos jogos na cidade. O que despertava desconforto e contrariava as elites e seus clubes de futebol.

Não à toa, expressivo desse aburguesamento e seletividade espacial da cidade foi a criação em 1905 da Liga Metropolitana de Futebol (conhecida também como Liga Metropolitana de Desportos Terrestres), de caráter mais elitista, que vedava participação de pessoas que não soubessem ler e escrever, e vinculado à Zona Sul do Rio de Janeiro, área que passou a abrigar a burguesia e as classes abastadas da cidade, e a criação, em 1907, da Liga Suburbana de Futebol, aqui incluído o Vasco da Gama, de caráter mais popular e voltada às nascentes massas das periferias da cidade (SOUZA, 2016). Essa foi uma das primeiras manifestações do ordenamento espacial burguês de pressão e enquadramento do time do Vasco, que até então utilizava um campo localizado na Zona Norte, no bairro da Tijuca (Campo Moraes e Silva). Nesse sentido, destaca-se também a “Resposta Histórica”, quando há cem anos, em 1924, o Vasco da Gama se recusou a excluir 12 jogadores negros de seu time como exigência para aceitarem sua filiação na Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA).

Num modesto campo, localizado no número 43 da Rua Moraes e Silva, no bairro da Tijuca, o clube Vasco da Gama sediou o futebol, o atletismo e o basquete, até o ano de 1927, quando se mudou definitivamente para São Januário. Posteriormente, na década de 1940, esse estádio se torna um destacado eixo gravitacional das ações populistas de Getúlio Vargas. Sendo apropriado pelo governo e pela sociedade para a produção e reprodução da vida urbana (BEZERRA; MESQUITA, 2023).

Nesse sentido, para além da sua principal função que eram as partidas de futebol, o estádio passa a ganhar importância estratégica para a cidade na dimensão cultural e política. O Estádio de São Januário consolida-se como um espaço urbano multifuncional.

Na década de 1940, dois desfiles de escolas de samba realizaram-se no estádio, mais precisamente em 1943 e 1945, quando ambos os carnavais foram vencidos pela Portela, tradicional escola de samba de Madureira. Do mais erudito ao maior festejo popular, o estádio tinha suas portas abertas para a população carioca e, em 1940, recebeu um concerto do maestro Heitor Villa-Lobos, reunindo cerca de 40 mil pessoas no estádio. Nesse sentido, a década de 1940 consolidava tal lugar no imaginário carioca como uma grande forma da cidade, sendo esses eventos provas cabais da

importância da praça esportiva para a dinâmica cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. Seu pluralismo político foi reforçado em 1945, quando o Partido Comunista Brasileiro atraiu 100 mil pessoas para um grande comício no estádio. (BEZERRA; MESQUITA, 2023, p. 114-115)

Na década seguinte, com a inauguração do Estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950, São Januário deixou de ser o grande polo central de atração esportiva, cultural e social da cidade. Ainda assim, na segunda metade do século XX, São Januário continuou recebendo alguns eventos, como o show da Banda Menudos, em 1985, entretanto, sem concentrar como antes as atividades artísticas e culturais da cidade. O estádio passou, no final do século XX, a ser lugar de grandes conquistas do clube Vasco da Gama no cenário esportivo, em especial a conquista da Taça Libertadores da América, no ano do centenário da instituição em 1998.

Portanto, consolida-se ao longo do tempo uma identidade entre a comunidade do entorno do estádio e o clube, a mesma levando o nome da instituição – a Barreira do Vasco, devido ao fato da vizinhança entre a favela e a sede do clube. Os bares quase todos caracterizados com o escudo do time, recebem os torcedores em seu famoso “Pré-jogo na Barreira”.

Um lugar que vem há décadas gravitando e nucleando a constituição e afirmação de um *contraespaço de multidão urbana* frente à elitização e à segmentação da cidade pelo consumo desigual das famílias (lazer, esporte, moradia) e formas de trabalho, ao neoliberalismo autoritário expresso no empresariamento urbano, à *arenização* dos estádios de futebol no país e à seletividade perversa das modernizações e da urbanização corporativa brasileira (SANTOS, 1990). O modelo de arenização iniciado no Brasil nos anos 2000, intensificado com os grandes eventos na década de 2010, consolida-se com o sedimento do Mundial de Futebol da Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 2014, tornando os estádios mais elitizados e globalizados (PERNI, 2017).

Portanto, eventos e ações mais recentes de ordenamento espacial dominante como as reformas dos estádios, tornando-os *arenas multiusos* mais elitizados, expressão do neoliberalismo autoritário, excludente e pautado no empresariamento urbano (HARVEY, 1996). Um estádio com características mais elitistas, normado, burocratizado e higienista, no qual as pessoas somente poderiam assistir aos jogos sentadas em cadeiras numeradas, passando a ser denominado *arena* (MASCARENHAS, 2013).

Logo, um processo de *arenização* dos estádios que promove segmentação e seletividade no acesso, limitação e redução da capacidade de público, sobretudo devido ao encarecimento exorbitante dos ingressos, maior regulação dos comportamentos e hábito nos estádios e no seu entorno, dada as restrições de utilização de determinados objetos e



ornamentos, como faixas, bandeiras e cartazes, sobretudo, de cunho e manifestação políticos (MASCARENHAS, 2014b; PERNI, 2017).

A punição e interdição do São Januário em 2017<sup>1</sup> e a mais recente punição, interdição e perseguição no Ministério Público, em 2023, formam um amálgama de eventos mais recentes, numa história mais antiga, que se interconectam, geografizam e buscam fragilizar o futebol tradicional e incorporar cada vez mais capitais privados internacionais, isto é, afrouxando as associações e buscando cada vez mais a valorização do empresariamento e do valor em escala global.

Seja por pressão da psicofera (SANTOS, 1999) produzida pela mídia carioca local e nacional tecendo críticas às condições estruturais do estádio, seja também pelo novo futebol moderno com uma mudança de paradigmas e pela financeirização cada vez maior da administração dos clubes e do esporte, nota-se ações recentes de racionalização e ordenamento espacial dominante que têm sido enfrentadas pela resistência, contrarracionalidade, inventividade, criatividade, permanência e fortalecimento do contraespaço de multidão urbana sedimentado no nucleamento Barreira do Vasco, São Januário e imediações.

### **3. Ministério Público: problematizando um evento recente de ordenamento da Barreira do Vasco pela ordem dominante burguesa**

O Ministério Público (MP) é proposto como uma instituição que tem por função a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais. O MP é uma instituição independente, gozando de autonomia para o cumprimento de suas funções, conforme Constituição Federal de 1988. Entretanto, faz parte do Sistema de Justiça e tem relações imbricadas com os Poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário). Sua atuação é ampla e se vincula aos direitos fundamentais como os da cidadania em defesa da saúde pública, do meio ambiente, dos direitos do consumidor e do patrimônio público.

No dia 23 de junho de 2023, o time do Vasco da Gama recebeu o Goiás, em São Januário, em partida válida pela 11ª rodada do Campeonato Brasileiro. Com o final da partida e a derrota para a equipe visitante, parte da torcida vascaína protagonizou uma confusão que se alastrou do lado de dentro do estádio para o seu entorno. Foram vistas cenas de depredação do patrimônio do Vasco da Gama e tentativas de agressão aos jogadores, com alguns sinalizadores sendo atirados no campo, caso semelhante ao ocorrido na Vila Belmiro dias antes, em partida realizada pela equipe do Santos Futebol Clube.

---

<sup>1</sup> O Vasco foi punido com a perda de seis mandos de campo e multa de 75 mil reais pelas confusões em São Januário na partida contra o Flamengo pela 12ª rodada do campeonato brasileiro de 2017.

Diz um excerto da decisão judicial, em caráter liminar, do juiz Bruno Arthur Mazza Vaccari Machado Manfrenatti, do Juizado do Torcedor e dos Grandes Eventos do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, em itálico na citação a seguir:

[...] torcedores e demais participantes do evento tiveram o seu direito à segurança flagrantemente violado pela inicial atuação criminosa de um grupo de indivíduos e posterior ausência de estrutura física mínima e de preparação dos funcionários do clube réu em executar o plano de ação e de contingência que garantissem a pronta retirada dos torcedores daquele cenário de guerra instalado no interior e exterior da arena esportiva [...] *Ademais, ainda que se possa afastar qualquer ligação entre as pessoas que iniciaram os atos de violência e o clube réu, há de se buscar, neste momento, resguardar a segurança dos torcedores, com a interdição temporária do Estádio de São Januário até que se comprove a existência de condições de segurança com a apresentação de laudos técnicos atualizados dos órgãos estatais responsáveis, especialmente diante dos danos causados no local*, afirmou. (Fonte: MPRJ, disponível em: <https://www.tjrj.jus.br/web/guest/noticias/noticia/-/visualizar-conteudo/5111210/223382883>, acesso em 25/11/2023)

O que chama atenção na decisão do magistrado, que não anula o fato de o incidente ter gravidade, e o Vasco da Gama ser sim responsabilizado, é o fato dele desconhecer, ou pelos menos não relatar, que dias antes da partida o clube aumentou seu efetivo de segurança com o objetivo de aumentar a segurança do público, já que era uma partida classificada como de alto risco. Outro fato, que o magistrado não considerou, é que o Vasco possui os laudos técnicos (Corpo de Bombeiros e Polícia Militar) atualizados que permitem a realização de partidas há décadas no estádio.

Em conjunto, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidiu pela punição de quatro jogos com portões fechados, uma punição justa, devido aos incidentes ocorridos no estádio. Todavia, não satisfeitos com a punição, o Ministério Público manteve a interdição do estádio por tempo indeterminado. Fato que chama atenção, vide que no estádio da Vila Belmiro o caso de agressão e depredação no jogo do Santos dias antes foram visivelmente mais graves, mas não incorrendo em punição semelhante.

Nota-se, por parte do Ministério Público, um desequilíbrio na punição ao Vasco, se também comparado com outro fato ocorrido recentemente no estádio do Maracanã: dois torcedores da equipe do Argentinos Juniors foram atingidos no dia 08 de agosto de 2023 por disparos de arma fogo dentro do estádio, em partida realizada contra o Fluminense pela Taça Libertadores da América. Tal desproporcionalidade em punir somente o Vasco caracteriza a perseguição ao próprio, clube esse que tem o seu estádio colado à favela Barreira do Vasco.

Em nossa interpretação, o Ministério Público perseguiu o Vasco por esse clube estar localizado em espaço distinto da ordem dominante burguesa, mas contraditoriamente resultado e criado por essa ordem.

O espaço é o produto dos embates da sociedade civil. Seu esquema de regulação não vem portanto da imposição de uma entidade abstrata. Não vem como exclusividade do Estado. Muito menos do poder econômico exclusivo de uma classe. Seu centro de gravidade é o bloco histórico, o sujeito dominante por excelência dentro da espacialidade diferencial, enquanto sujeito hegemônico da sua complexidade de escala. Por isso, o espaço nasce como infraestrutura, mas organiza-se e move-se num ato da superestrutura. (MOREIRA, 2007, p. 95)

Nesses embates, identificamos o Ministério Público como parte integrante da ordem burguesa hegemônica no bloco histórico. Modo pelo qual as frações da sociedade civil se articulam e acomodam seus conflitos visando administrar as tensões e assim arrumam as funções reguladoras do pacto de Estado.

Tudo, portanto, provém na ordem burguesa da forma como pela via do bloco histórico construiu-se e ainda hoje se constrói o modo de concertamento das relações de sociedade política, civil, pública e privada em cada contexto de tempo. Definiu-se que regras e normas espaciais o organizam e regulam em seu ordenamento. E fomentaram-se e controlam-se as insurgências de contraespaço. (MOREIRA, 2012, p. 213)

No caso aqui em específico, o contraespaço em análise é a Barreira do Vasco, impactada pela punição e perseguição ao Club de Regatas Vasco da Gama, lutando pela manutenção das relações econômicas, sociais e culturais. Trata-se de um contraespaço frente a ordem dominante burguesa, que necessita dos jogos do Vasco da Gama para a manutenção da sua vida.

Pode-se, então, falar de uma sociedade de contra-espacos, no sentido de uma estrutura societária em que o conflito já se institui desde a base espacial e em que a regulação ordenatória visa territorialmente normatizar e circunscrever, com o objetivo de mantê-lo no horizonte do controle de classe possível. A forma-protótipo desse modelo societário talvez seja a sociedade burguesa: uma forma de sociedade marcada historicamente – desde os seus inícios e dado o próprio modo de sua (re)produção espacial como sociedade – pelos conflitos de territorialidades. (MOREIRA, 2007, p. 94)

#### **4. Barreira do Vasco: um contraespaço frente a ordem dominante**

O estádio de São Januário foi inaugurado em 1927, sua construção contou com uma campanha de arrecadação da torcida do Vasco para o erguimento do maior estádio da América do Sul na época. Além dos trabalhadores da cidade e migrantes de outras regiões do país, principalmente portugueses e descendentes contribuíram com a doação, visto que o clube é de origem lusitana. Um clube de imigrantes que têm no estádio um geo-símbolo (CORRÊA, 1989) de pertencimento e identidade.

No ano de 2023, aproximando-se de completar seu centenário, o clube é alvo de uma dura perseguição do Ministério Público, se comparado a outros casos em estádios nos quais

as penas foram mais brandas ou simplesmente nenhum tipo de punição ou advertência foram dadas. Fica evidente que a ordem dominante persegue o Club de Regatas Vasco da Gama interditando seu estádio, e que na decisão do magistrado há uma estigmatização da comunidade do entorno. Logo, é uma ação de punição tanto do Club de Regatas Vasco da Gama quanto da comunidade da Barreira do Vasco.

Segue abaixo excerto do parecer do juiz de plantão do Juizado Especial do Torcedor e Grandes Eventos, Marcelo Rubioli, ao Tribunal de Justiça pedindo que os fatos fossem enviados ao MP.

Para contextualizar a total falta de condições de operação do local, partindo da área externa à interna, vê-se que todo o complexo é cercado pela comunidade da barreira do Vasco, de onde houve comumente estampidos de disparos de armas de fogo oriundos do tráfico de drogas lá instalado o que gera clima de insegurança para chegar e sair do estádio. São ruas estreitas, sem área de escape, que sempre ficam lotadas de torcedores se embriagando antes de entrar no estádio. (Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/17/em-parecer-contra-sao-januario-juiz-cita-favela-ao-lado-e-torcedores-se-embriagando-sem-jogos-comercio-reclama-de-prejuizo.shtml>)

A alegação do juiz, como se verifica no excerto acima, é preconceituosa, estigmatizadora e discriminatória com a população local. Ademais, conforme dados do Instituto Fogo Cruzado veiculados pela mídia<sup>2</sup>, registrou-se 22 ocorrências de tiros nos arredores de São Januário em 2023, mesmo número de ocorrências no entrono do Maracanã, ao passo que no estádio Nilton Santos foram registradas 16 ocorrências no seu entorno no mesmo período, o levantamento do instituto considera um raio de 2km ao redor de cada estádio, nesse caso todos localizados na Zona Norte do Rio de Janeiro.

A punição prejudica muitas pessoas que precisam dos jogos do clube para gerar ou compor a sua renda. Isto é, afeta todo o comércio local, como bares, restaurantes, camelôs e vendedores ambulantes. O Observatório do Trabalho Carioca apurou que 92,8% das pessoas que buscam emprego na região, cadastrados através dos meios eletrônicos da Secretaria Municipal de Trabalho e Renda, possuem uma renda familiar de até dois salários-mínimos, o que mostra a vulnerabilidade econômica da localidade. Essa mesma investigação, realizada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2023), aponta para uma redução no comércio local de quase 60% na receita mensal após a proibição dos jogos. Nessa mesma pesquisa é relatada a influência e importância do movimento relacionado aos jogos nos dias que antecedem as partidas (visitação em geral e troca de ingressos) que impulsiona o comércio local.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/vasco/noticia/2023/08/interdicao-de-sao-januario-arredores-da-colina-tiveram-mesmo-numero-de-tirroteios-que-os-do-maracana-em-2023.shtml> (acessado em: 10/12/2023).

Os comerciantes, conscientes da demanda adicional durante os dias de jogos, têm por hábito a contratação de um quadro extra de funcionários. Essa equipe extra tem uma variação entre 200 e 300 funcionários, conforme levantado em entrevistas. A maioria desses funcionários é composta por moradores das comunidades locais. Esse aspecto não só demonstra a integração entre o comércio local e a comunidade, mas também ressalta a importância dessas oportunidades de emprego temporário, que se tornam constantes, para os moradores. Essas pessoas frequentemente dependem do dia de jogos como fonte principal de renda ou como um complemento necessário para seus ganhos. Suas atividades variam, e majoritariamente envolvem serviços como guardadores de veículos, vendedores de alimentos e bebidas, bem como a comercialização de camisas e suvenires dos times.

Os entrevistados compartilharam que, em dias de jogos, os vendedores autônomos chegam a gerar mensalmente até R\$ 8.000 de receita. Esse dado realça a importância econômica desses profissionais e a vitalidade econômica que eles injetam nos eventos esportivos. A proibição de jogos com público, no entanto, teve um impacto direto nesses vendedores ambulantes, afetando a viabilidade de suas operações e sua capacidade de gerar renda. Com a ausência da multidão de torcedores e da movimentação característica dos dias de jogos, esses vendedores autônomos enfrentam desafios econômicos significativos. A impossibilidade de exercer suas atividades habituais impõe consequências que vão além do aspecto financeiro, atingindo também a dinâmica social, cultural e econômica das comunidades locais.



**Figura 4.** Fotos de entradas da Barreira do Vasco pela Praça Carmela Dutra (2023). **Fonte:** Fotos dos autores tiradas durante trabalho de campo realizado em 15/12/2023

Essa espacialidade diferencial e conflitual é a gênese do processo dialético do ordenamento espacial e contraespacial. Que seriam recortes de reação contrários à ordem espacial do bloco histórico, do pacto firmado entre frações de classes sociais para usar e dispor do território. Os que não se identificam ou sofrem com a ordem espacial imposta, respondem enquanto contraespaço. Ou seja, uma luta por formas novas ou manutenção de uma tradição de determinado grupo social de produção do espaço (MOREIRA, 2007).

É sabido que o modo de construção da sociedade é o modo de construção do seu espaço. Acrescentamos agora que na ordem espacial burguesa o é também enquanto modo de construção do seu contraespaço. Seu modo de contra-afirmação. É na ordem espacial burguesa em que a arrumação do arranjo de centralidade tem sua melhor expressão. O contraespaço ganha assim claro conteúdo de conflito. [...] As formas de contraespaço têm, por isso mesmo, um caráter diverso em seu conteúdo e modo de ocorrência. É contraespaço o arranjo espacial de uma greve de operários, uma ocupação de terra com fim de assentamento, o surgimento de uma favela, um ritual de capoeira ou de candomblé, a luta pelo direito à cidade, uma manifestação de rua, um movimento de embargo de uma obra de efeito ambiental de uma comunidade, mas também a segregação urbana da classe média, o embargo territorial de setores de dominantes excluídos do bloco de poder instituído

como governo central dentro do bloco histórico (MOREIRA, 2012, p. 211-2017)

O contraespaço dos excluídos sociais reage como uma forma de luta contra o espaço da ordem dominante (MOREIRA, 2012), enquanto contrafinalidades e contrarracionalidades, ou outras racionalidades (SANTOS, 1999). O contraespaço da Barreira do Vasco em movimento por ora não luta por uma radical transformação nas relações sociais, mas por uma simples mudança de tratamento das instituições com o clube, que afeta o todo da comunidade. Como por exemplo, neste caso, uma luta localizada que buscou pressionar o Ministério Público para desinterditar o Estádio de São Januário, lembrando que um contraespaço muitas das vezes almeja a generalização de um direito de uso do território negado a muitos habitantes, como é o caso das melhorias e garantia de direitos na urbanização das favelas (MOREIRA, 2007).

O contraespaço é o modo espacial por meio do qual excluídos e dominados põem em questão a ordem espacial instituída como forma de organização da sociedade, rejeitando ou copiando o modo de vida que ela impõe aos que vivem embaixo e dentro dela. Pode ser contraespaço um movimento de confronto, de resistência, de mimetismo ou de simples questionamento da ordem espacial existente. (MOREIRA, 2007, p. 103)

O entorno do estádio para além de movimentar a economia local, nutre relações sociais entre torcidas organizadas, associados e torcedores comuns que buscam assistir aos jogos do Vasco da Gama em um ambiente distinto das arenas modernas que foram construídas e reforçadas no Brasil a partir da Copa do Mundo de 2014.



**Figura 5.** Foto da Torcida do Vasco mobilizada assistindo à partida entre Vasco x Bahia ao lado de fora do estádio durante sua interdição (2023). **Fonte:** Foto Reprodução/VascoTV, 2023 - <https://www.lance.com.br/vasco/torcida-do-vasco-faz-festa-na-barreira-para-incentivar-equipe-contra-o-bahia.html>

A centralidade urbana popular compreendida pelo Estádio de São Januário, a Barreira do Vasco e suas imediações preserva um contraespaço de mobilização política, econômica e cultural de “apropriação e valorização de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2004, p.40), no caso em torno do clube, destacando-se aqui, por exemplo, as recentes rodas de samba criadas por torcedores. Temos como símbolo dessa cultura de resistência o grupo Sambarreira, um contraespaço surgido desde o ano de 2022 embalando o pré-jogo da torcida cruzmaltina.

Geograficamente, o estádio é edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande fluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade) e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. (MASCARENHAS, 2014, p. 161)

Também se destacam a mídia e meios de comunicação do Vasco (Vasco TV e Netvasco), além da parceria estabelecida em 2023 com a Rede Só Cria de Educação Popular e a Associação de Moradores da Barreira do Vasco, na qual o clube disponibilizou o Colégio Vasco da Gama (sediado dentro do estádio) voltado aos jogadores da base do clube para também sediar um Pré-vestibular Comunitário coordenado pelo Só Cria e destinado a jovens e adolescentes da Barreira do Vasco e outras comunidades das imediações.

Esse sentimento de pertencimento demonstrado pelo público cruzmaltino com o espaço e a paisagem, vai de encontro ao conceito de topofilia enquanto “elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (TUAN, 1974, p. 5). A torcida do Vasco ao perceber que o clube e a



comunidade estavam sendo perseguidos e criminalizados com a interdição arbitrária do Ministério Público buscaram se organizar e ocupar o lado de fora do estádio como forma de protesto (político-econômico) e celebração (festa).

## 5. Modernização, fragmentação socioespacial e reforma urbana: atual caracterização e dilemas da Barreira do Vasco

A atual presidência da Associação dos Moradores da Barreira do Vasco (AMBV) está há 20 anos na direção da entidade. Sua mãe foi uma das primeiras moradoras da Barreira do Vasco, inclusive uma das vias da favela leva seu nome, tendo chegado ainda na década de 1940, início do assentamento. Ainda que o irmão da atual representante também já tenha presidido a AMBV, é a primeira vez que a associação é dirigida por uma mulher, destacando-se, assim, as “mulheres de luta e de cuidado”, como a presidente salientou, cujo aprendizado têm passado de geração para geração. A mãe da atual representante era muito renomada e tinha grande reputação na comunidade, além de rezadeira e parteira também organizava as festas e datas comemorativas na comunidade.



**Figura 6.** Foto da fachada da Associação dos Moradores da Barreira do Vasco – AMBV (2023).  
**Fonte:** fotos dos autores tiradas durante trabalho de campo realizado em 15/12/2023

A AMBV estima em cerca de 17.000 o número de moradores na região como um todo. Há uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na entrada da comunidade com a qual a associação tem diálogo e uma boa relação. Quanto à infraestrutura, a comunidade conta com internet, energia elétrica fornecida pela empresa Light e, embora com a presença de duas

Creches e um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) da prefeitura municipal, a favela conta com mais de 100 crianças na fila de espera por vaga.

Quanto à coleta de lixo e resíduos na favela, o serviço é realizado pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana da prefeitura, a COMLURB. Segundo a associação, o serviço é muito bem executado, é feito diariamente e com capilaridade na favela através da entrada e circulação de pequenos tratores com caçambas pelas vias e becos. Contudo, segundo a AMBV, faltam campanhas de conscientização por parte dos moradores quanto à atenção com os horários de coleta, além da reciclagem e coleta seletiva, levando por vezes ao acúmulo de lixo em alguns pontos da favela que, além de juntar sujeira, mau odor e proliferação de bichos, quando chove o mesmo é espalhado pelas vias da comunidade.

A Equipe de Saúde Família da Clínica da Família do Sistema Único de Saúde (SUS) que referencia e atende a Barreira do Vasco está sediada na comunidade vizinha do Arará, a qual atende as duas favelas. Assim como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que referencia a Barreira também está situado em comunidade vizinha, no “pico” (parte mais alta) da comunidade do Tuiuti, o que dificulta o atendimento e a procura pela população residente na Barreira do Vasco.

Em termos de saúde pública, além da fome e da má nutrição, a comunidade da Barreira do Vasco enfrenta frequentemente severos surtos de dengue, conforme reclamo da associação. O SUS é a principal demanda da comunidade, inclusive, o sonho da atual presidência da AMBV é conseguir para a comunidade unidades próprias do SUS e do CRAS.

Enquanto existência e permanência do contraespaço, a principal apreensão e receio da associação, compartilhados pela comunidade como um todo, é a reforma do estádio de São Januário. Um projeto de ampliação da capacidade de espectadores dos atuais 20.000 para 45.000 torcedores, e, sobretudo, as obras urbanas e de acessibilidade no entorno do estádio com a estimativa inicial de investimento de R\$ 500 milhões através de projeto de “Potencial Construtivo” da prefeitura junto a empresas. Projeto ainda não iniciado, mas com previsão de conclusão para o ano de 2027, quando marca o centenário do estádio cruzmaltino. Destacando nesse sentido a aprovação pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 2024, do Projeto de Lei Complementar N. 142-A/2023 que institui a Operação Urbana Consorciada – OUC objetivando esse fim e prevendo o fechamento do estádio por dois anos (2025-2026) para as obras. A Barreira do Vasco teme por reestruturações urbanas e, principalmente, desapropriações, interdições e expulsões. Segundo representantes da associação já há alguns anos há rumores e “conversas” nesse sentido, um espectro de reformas e desapropriações que assusta a comunidade.

Na AMBV também foi destacada a figura de Eurico Miranda, falecido em 2019, foi Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro entre 1995 e 2003, e presidente do Club de

Regatas Vasco da Gama de 2001 a 2008 e de 2014 a 2018. Segundo representantes da AMBR, era considerado um “amigo da favela”, recebia com muita frequência a associação e os moradores em São Januário, atendendo e ouvindo suas demandas, além de frequentemente visitar e conversar com a comunidade da Barreira. Diferente das gestões subsequentes do clube, sobretudo dos “ídolos” em campo, mas que ao ascenderem à gestão do clube pouco dialogaram com a comunidade e a associação, sendo que um deles jamais recebeu ou conversou com a AMBV durante sua gestão.

O episódio mais recente de interdição e perseguição ao Club Vasco da Gama e à comunidade da Barreira do Vasco, ocorrido em 2023, aproximou e criou uma maior solidariedade entre São Januário e a favela, ainda que de forma provisória e pontual, mais circunscrita ao fato. Perseguição que foi nomeada como “crueldade” pela representante da associação, o que, segundo ela, também operou com muita estigmatização e preconceito contra a favela. Embora esse evento tenha afetado os moradores e trabalhadores de toda a região, para além da Barreira, incluindo também o bairro Vasco da Gama e as três comunidades vizinhas (Arará, Tuiuti e Canela), contudo a luta e enfrentamento da perseguição foram realizados unicamente pela Barreira do Vasco. Inclusive, foi fundamental sua atuação e vitória, sobretudo com apoio e sensibilização recebidos de diversos movimentos sociais, partidos políticos, autoridades e parte da mídia, não só para a região como para o próprio Club de Regatas Vasco da Gama que seguia com a interdição dos jogos em São Januário.

No enfrentamento desse episódio, também foi muito importante a reunião e participação na Audiência Pública da ALERJ (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) na qual a AMBV foi convidada a falar, evento importante para encaminhar e conseguir resolver a questão, ocorrido no dia 11 de setembro de 2023. Nesse sentido, a associação destacou que o atual CEO da Vasco da Gama SAF tem sido parceiro, assim como sua área de advocacia que amparou e ajudou a AMBV na elaboração de Petição e Procuração junto ao MP na resolução dessa situação.

Cabe destacar que ainda gera muita dúvida e, também, críticas por parte de moradores da Barreira e de torcedores do Vasco a assinatura, no ano de 2022, do acordo e venda de 70% da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) à empresa estrangeira 777 Partners, atuante em diversos países e que tem comprado alguns clubes de futebol. Inclusive, críticos têm apontado esse acordo como a consolidação do processo de empresariamento do Club Vasco da Gama e de *arenização* do estádio de São Januário.

Destaca-se também, conforme a representante da AMBV, que até pouco tempo atrás a maioria dos funcionários do Club Vasco da Gama era de moradores da Barreira do Vasco, e hoje já não é mais assim. Foi lembrada a figura do Sr. Juareno, o “Seu Jujú”, um dos

funcionários mais antigos do clube, que quando de sua morte foi feito um minuto de silêncio antes de uma partida do clube. Destacando também que mesmo entre os moradores da Barreira, hoje a maior parte da comunidade já não é de torcedores do Vasco.

Quanto aos camelôs e trabalhadores ambulantes no entorno do estádio, segundo a associação, atualmente cerca de metade são moradores da Barreira do Vasco e a outra metade “vem de fora”. Sendo que nos últimos anos aumentou a participação dos moradores da comunidade nesse comércio, que até então eram uma minoria entre os ambulantes que atuavam no local. Contudo, os ambulantes “de fora” só vêm ao São Januário nos dias de jogos de futebol do clube, enquanto os “locais”, residentes da Barreira, estão sempre presentes, não apenas nas partidas de futebol, mas também nos dias de compra e troca de ingressos das partidas, além dos demais eventos do clube, como nas partidas de basquete que têm atraído um contingente cada vez maior de público.

Moradoras na associação lembraram que existiam atividades que utilizavam a pista e equipamentos de atletismo, além da piscina que era aberta à comunidade aos finais de semana. Ou seja, São Januário era mais aberto e proporcionava mais atividades e empregos à população da Barreira do Vasco. Para a AMBV era um cotidiano de maior proximidade e trânsito entre a Barreira e o Vasco, sendo que tudo isso podia “ser trazido de volta com a anunciada reforma”, deseja a atual representante.



**Figura 7.** Foto do nucleamento da Praça Carmela Dutra da Barreira do Vasco com a frente do Estádio São Januário ao fundo (2023). **Fonte:** fotos dos autores tiradas durante trabalho de campo realizado em 15/12/2023

A representante da AMBR lamentou o atual imperativo do individualismo e do egoísmo na sociedade, o que cada vez dificulta mais tanto a organização política e econômica quanto a conquista de direitos e melhorias para a vida. Também foi destacado o descompasso e o afastamento cada vez maior nos últimos anos entre o Club Vasco da Gama e a Barreira do Vasco.

Processo esse que podemos avaliar como produto e produtor da *fragmentação socioespacial* (SANTOS, 1999) que aliena e rouba às coletividades o comando de seu destino e sua governabilidade, uma *ordem desordeira* que intensifica clivagens, assimetrias, desigualdades e a competitividade. Fragmentação que leva a um cotidiano com parâmetros exógenos à comunidade e à torcida, à incompatibilidade entre as temporalidades e sentidos dos agentes e sujeitos, sem referência ao meio comum de vida, além de perda da memória social. Colocando em risco a existência resistência desse contraespaço como o conhecemos, tanto a Barreira do Vasco quanto o Club de Regatas Vasco da Gama.

## 6. Considerações Finais

Conhecido como *caldeirão e território hostil para os adversários desde 1927*, o estádio de São Januário constitui-se ao longo do tempo como uma centralidade urbana popular histórica na cidade do Rio de Janeiro. O Club de Regatas Vasco da Gama por ser um clube de imigrantes, migrantes e da classe trabalhadora, pioneiro entre os clubes nacionais de futebol na luta contra o preconceito racial e social, há quase um século é alvo de perseguições e interdições de todo tipo. Sobretudo quando associado às classes pobres e populares como é o caso da favela da Barreira do Vasco.

A partir do mote e motivação da perseguição e discriminação sofridas pela comunidade da Barreira do Vasco e pelo Club Vasco da Gama no ano de 2023, buscamos analisar o ordenamento espacial urbano, das ações e materialidades, das instituições burguesas contra esse clube e as resistências da comunidade da Barreira do Vasco. Mais um evento numa cadeia histórica mais longa do futebol e da urbanização fluminense.

Compreendemos a Barreira do Vasco, o estádio de São Januário e imediações enquanto contraespaço, uma situação geográfica única, amálgama de heranças cristalizadas, território usado, e usos do território no presente visando um horizonte e projeto. Um contraespaço fundamental à existência da Barreira do Vasco e do Club Vasco da Gama, arriscando-se dizer que um não sobreviverá sem o outro, pelo menos não como os conhecemos e, tampouco, no sentido de sua história e formação espacial.

Nesse sentido, o processo de fragmentação socioespacial e o descompasso e afastamento crescente entre o clube Vasco da Gama e a Barreira do Vasco representam um risco para ambos. E uma vitória do aburguesamento do território, do neoliberalismo

autoritário, da seletividade espacial, da segmentação, elitização e *arenização* do estádio de São Januário e da urbanização desigual e corporativa da cidade.

Se a situação geográfica é uma herança e um projeto em disputa, a pesquisa do artigo se inspirou na episteme da cartografia da ação social, método e metodologia, uma leitura crítica e estratégica do território e da cidade realizada junto às bases populares e tendo o espaço banal, o espaço de todos e de todas, do comum, como horizonte e sentido da ação. Instrumento de luta por visibilidade, denúncia, memória, existência e projeto da coletividade. De valorização dos lugares, onde a vida de relações ganha força reflexiva e transformadora. Portanto, uma episteme – método e metodologia – enquanto registro das práticas populares, das resistências e da ação tanto organizada quanto espontânea dos contraespaços de multidão urbana.

## Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro através do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) e Bolsa de Pesquisa de Mestrado. Também expressamos aqui nossos sinceros agradecimentos à Associação dos Moradores da Barreira do Vasco (AMBV) pela receptividade e entrevistas concedidas.

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, M. V. de; RIBEIRO, L. H. L. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da Covid-19 no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, n.12, e00208720, 2020.

ABREU, M. de A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos (IPP), 2013 [1987]. 156 p.

BEZERRA, R. F.; MESQUITA, Z. G. A geografia como camisa dez: uma análise da produção do espaço a partir do estádio de São Januário. **Estudos Geográficos** (UNESP), v. 21, p. 100-121, 2023.

CATAIA, M. A.; RIBEIRO, L. H. L. Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. **Revista da Anpege**, 11, p. 9-30, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989. 94 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. 416 p.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço e Debates**, nº 39, p. 48-64, 1996.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395 p.

MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades: Revista Científica**. [s.l.]. Grupo de Estudos Urbanos. Vol.10, n.17, p. 142-170, 2013.

MASCARENHAS, G. Não vai ter arena: futebol e direito à cidade. **Revista Advir**. Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ASDUERJ, n.32, p. 24-38, jul. 2014.

MOREIRA, R. **Geografia e práxis**: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica. São Paulo: Contexto, 2012. 224 p.

MOREIRA, R. **Sociedade e espaço geográfico no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015 [2011]. 153 p.

MOREIRA, R. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton... [et al.]. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007 [2002]. p. 72-108.

PERNI, K. da S. **Dois lugares, dois caminhos**: Maracanã e São Januário. Dissertação (Mestrado Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. 119 f.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Proibição dos jogos em São Januário**: O impacto na geração de trabalho e renda. Rio de Janeiro: Secretaria de Trabalho e Qualificação / Observatório do Trabalho Carioca, 28 de agosto de 2023. 10 p.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Ficha do Território**: Barreira do Vasco / Vila do Mexicano. Programa de Urbanização de Assentamentos Populares – PROAP III. Novembro / 2019. 56 p.

RIBEIRO, L. H. L.; SILVA, C. A. da. Cartografia da ação social e luta pelo uso do território no Brasil: contribuições à reflexão do método a partir da Rede Fitovida no Rio de Janeiro. **Geosp**, v. 26, n. 2, e-187100, ago. 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999 [1996]. 308 p.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida; SILVEIRA, María Laura (org.) **Território**: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. p.15-20.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993. 157 p.

SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso de São Paulo. São paulo: Nobel, 1990. 117 p.

SCHMIDT, F. A colina que virou Barreira: o Vasco e sua relação com a comunidade. **Globo Esporte**, 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/a-colina-que-virou-barreira-o-vasco-e-sua-relacao-com-a-comunidade.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2023.

SOUZA, G. J. C. Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**. Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, 2016.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Difusão Editorial, 1974. 288 p.

## Sites consultados:

<https://mpmt.mp.br/portacao/news/725/126588/mprj-obtem-interdicao-de-sao-januario-ate-a-comprovacao-da-adocao-de-medidas-que-garantam-a-seguranca-de-torcedores>

<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/08/17/vasco-em-decisao-juiz-questionou-existencia-de-sao-januario-em-meio-a-barreira-entenda.ghtml>

[https://wikifavelas.com.br/index.php/Barreira\\_do\\_Vasco](https://wikifavelas.com.br/index.php/Barreira_do_Vasco)

VascoTV – YouTube <https://www.youtube.com/user/vasco>

[www.tjrj.jus.br](http://www.tjrj.jus.br)

[www.netvasco.com.br](http://www.netvasco.com.br)